

NEM TODOS OS MENINOS SÃO AZUIS

Uma memória-manifesto

NEM TODOS OS MENINOS SÃO AZUIS

Uma memória-manifesto

George M. Johnson

Tradução

Tom Jones



MOINHOS

7 **NOTA DO AUTOR**

10 **INTRODUÇÃO**
PRETO. QUEER. AQUI.

ATO 1: UMA CRIANÇA DIFERENTE

22 **CAPÍTULO 1**
SORRISO

34 **CAPÍTULO 2**
IDENTIDADE

45 **CAPÍTULO 3**
“MONA”

54 **CAPÍTULO 4**
BICHAS TAMBÉM JOGAM FUTEBOL

65 **CAPÍTULO 5**
O ABE HONESTO MENTIU PARA MIM

82 **CAPÍTULO 6**
NÃO DÁ PARA NADAR USANDO BOTAS DE CAUBÓI

ATO 2: FAMÍLIA

94 **QUERIDO IRMÃOZINHO,**

98 **CAPÍTULO 7**
NANNY: A BABÁ, A MALANDRA, MINHA MELHOR AMIGA

109 **CAPÍTULO 8**
A SEGUNDA CHANCE DO MEU PAI

120 **CAPÍTULO 9**
PERDENDO A HOPE

131 **QUERIDA MAMÃE,**

135 **CAPÍTULO 10**
UMA LIÇÃO ANTES DE MORRER

ATO 3: ADOLESCENTES

- 146 **CAPÍTULO 11**
GAROTOS SÃO GAROTOS...
- 157 **CAPÍTULO 12**
OS REIS DO BAILE QUE NUNCA FOMOS
- 165 **CAPÍTULO 13**
LIBERTANDO-ME DE ME ESCONDER

ATO 4: AMIGOS

- 178 **CAPÍTULO 14**
PEGO NO TROTE
- 191 **CAPÍTULO 15**
PERDENDO MINHA VIRGINDADE DUAS VEZES
- 202 **CAPÍTULO 16**
NÃO SEI POR QUE NÃO LIGUEI
- 214 **POSFÁCIO**
NEM TODOS OS GAROTOS SÃO AZUIS
- 218 **AGRADECIMENTOS**

NOTA DO AUTOR

Ao escrever este livro, eu quis ser o mais autêntico e verdadeiro possível sobre minha experiência. Quis que minha história fosse contada na sua totalidade: as coisas boas, as ruins, e aquilo de que eu sempre tive tanto medo de falar abertamente. Então, fui a lugares e discuti alguns assuntos que são geralmente mantidos longe dos adolescentes, temendo que sejam “pesados demais”.

No entanto, a verdade é que essas coisas aconteceram comigo quando eu era criança, adolescente e jovem. Então, por mais pesados que esses temas possam ser, é necessário que sejam não apenas discutidos, mas também lidos por adolescentes que podem ter de passar por essas experiências em suas próprias vidas.

Este livro tocará em assuntos como assédio (incluindo abuso sexual), perda de virgindade, homofobia, racismo e anti-negritude. Às vezes, essas discussões podem ser um pouco ilustrativas, entretanto são experiências com que muitos que lerem este livro vão se deparar ou já terão se deparado na vida. Espero que esses leitores sejam vistos e ouvidos ao longo destas páginas.

Neste livro, as palavras *Preto*, *Negro* e outras do mesmo universo aparecem ora como reforço de identidade, ora como exemplo de seu uso pejorativo. O mesmo acontece com *viado* ou *bicha* e seus diminutivos. Os diferentes usos aparecem no

texto para efeitos intelectuais e emocionais específicos. Por favor, tenha o mesmo cuidado ao se referir a este livro. Se você não se identifica como uma pessoa Negra, afrodescendente ou *queer*, não use esses termos deliberadamente, pois eles podem ferir outras pessoas.

Preciso dizer que este texto foi criado com carinho e amor; porém, o mais importante: foi escrito para dar voz a tantas comunidades marginalizadas cujas experiências ainda não foram apreendidas nas páginas de um livro.

Espero que esta obra traga riso em alguns momentos. Espero que traga lágrimas em outros. Espero que seja uma possibilidade de compreender as pessoas com quem talvez você nunca tenha falado por causa do que as faz diferentes de você. Não somos tão diferentes como se pode pensar, e todas as nossas histórias são importantes e merecem ser contadas e celebradas.

Com amor,



George M. Johnson



Bebê George com a bisavó Lula Mae

INTRODUÇÃO

PRETO. QUEER. AQUI.

A história de como entrei no mundo foi um prenúncio.

Quando minha tia viu aquela cabecinha tão negra como azeviche, uma coroa crespa saindo do ventre da minha mãe, ela correu até o corredor do hospital em que a família aguardava.

“É uma menina! É uma menina!”, ela gritou, para alegria da minha avó e um *leve* desapontamento do meu pai. Porém, no momento em que minha tia voltou à sala de parto e eu tinha nascido por completo, ela notou que sua suposição apressada precisava ser logo corrigida.

Voltou correndo até a família e disse: “Hum, na verdade, é um menino”.

Essa mistura de “É uma menina! Não, é um menino!” é engraçada no papel, mas nem tanto na vida real, especialmente quando a estrela desta história tem problemas de identidade. Gênero é uma das maiores projeções depositadas numa criança no nascimento, embora as famílias não tenham ideia do que o bebê vai se tornar. Na sociedade, o sexo de alguém é baseado na sua genitália. Essa decisão é então usada para supor o gênero de alguém como menino ou menina, ao invés de permitir o uso de um espectro de identidades que uma criança poderia decidir para si mesma.

Hoje em dia, atribuímos o gênero da pessoa mesmo antes do seu nascimento. Nós nos tornamos socialmente condicionados

a participar da atribuição do gênero de crianças o mais cedo possível — no momento em que o ultrassom identifica sua genitália. Chás de revelação se tornaram uma forma moderna de celebrar o destino da criança, mesmo antes de conhecê-la, reduzindo-a a uma vida de ideais masculinos ou femininos. É como se, quanto mais visivelmente LGBTQIAP+ as pessoas se tornam, mais a comunidade heterossexual se esforça por criar novos padrões. Acho que a maioria teme se tornar a minoria e, por isso, faz tudo e qualquer coisa para proteger seu poder.

Sempre me pergunto como esse mundo seria se apenas dissessemos às pessoas: *Seu bebê tem um pênis ou uma vagina ou outra genitália*. Se te intriga o que seria essa “outra genitália”, pesquise o conceito de *intersexo*. E se os pais recebessem instruções sobre como criar seus filhos prestando atenção no que seus bebês se interessam naturalmente e em como alimentar esses interesses? E se os pais permitissem aos seus filhos explorar seu próprio gênero, ao invés de empurrá-los a um dos únicos dois caminhos que a sociedade nos diz que existem?

Quando nosso gênero é atribuído no nascimento, também nos são atribuídas responsabilidades para crescer e navegar pela vida baseados na simples seleção dessas caixas. Masculino. Feminino. Negro. Branco. Hétero. Gay. Em geral, as crianças que não se encaixam perfeitamente nas caixas se perguntam qual é a verdade:

Sou menina?

Sou menino?

Sou os dois?

Sou nenhum dos dois?

Na infância, sofri muito com essas perguntas. E esse sofrimento continuou a aparecer de diversas formas por toda a minha vida. Agora, adulto, tenho uma compreensão muito me-

lhor de sexualidade, gênero e sobre como a sociedade nos pressiona para se adaptar ao que tem sido o padrão. Compreendo como esse senso de padronização não tem espaço para nós que não nos enquadrados na estética de como meninos e meninas, homens e mulheres *deveriam* ser ou performar.

Infelizmente, ainda estamos lutando para sair de uma conversa sobre identidade suposta no nascimento. E pessoas LGBTQIAP+ não lutam apenas pelo direito à própria identidade e aceitação na sociedade que é predominantemente composta de dois gêneros — o que seria apenas o mínimo de aceitação. Estamos lutando para sobreviver a atos de violência física. Muitos de nós, pessoas LGBTQIAP+, não estamos nem sobrevivendo a isso. O espectro dos nossos traumas pode ser tão vasto quanto nossas identidades.

Comecei a escrita deste livro com a intenção de finalizar cada capítulo com soluções para todas as circunstâncias desconfortáveis e confusas que já vivi como uma criança Preta viada nos Estados Unidos. Percebi rapidamente que este livro seria sobre muito mais. Sobre as circunstâncias que me atravessam e a importância de partilhar de que forma essas interseções criam tanto meu privilégio quanto minha opressão.

Muitos de nós carregam fardos dos traumas do passado, e eles se manifestam na nossa vida adulta. Todos passamos por estágios de aceitação ou luta com nossas várias identidades — gay, hétero ou a não identificação. E raça e vários outros fatores têm um papel importante sobre como navegamos nelas. Muitos de nós estamos sempre lidando com algo — um constante “tornar-se” uma versão mais consciente de nós mesmos.

Este livro é uma exploração de duas das minhas identidades — Negra e *queer* —, e como tomei consciência das suas interseções dentro de mim e na sociedade. Como aprendi que nenhuma das duas identidades pode ser contida dentro

de uma simples caixa, e que chego aos lugares como ambas, a despeito dos espaços e ambientes que preciso navegar. Na comunidade branca, sou visto primeiro como homem Negro — mas isso não nega a identidade *queer* que ainda enfrentará discriminação. Na comunidade Negra, onde eu me encontro mais vezes, não é a identidade masculina Preta que é questionada imediatamente. É essa interseção com a identidade *queer* que é usada para reduzir minha Negritude e a imagem global de homem Negro.

Por ser um livro de memórias, estou compartilhando algumas das minhas memórias pessoais com você. São memórias específicas da minha infância, adolescência e juventude. Mas também representam algumas experiências universais de pessoas Pretas e/ou *queer*. Minhas lutas são as mesmas de homens Negros e de homens *queer* que existem na interseção das duas identidades. É aí que emerge a parte do manifesto. Acredito que a sociedade dominante estabelece uma ideia de que “normal” é simplesmente suprimir diferenças, o que significa que qualquer um de nós fora desse “normal” acabará sendo oprimido. Em cada capítulo deste livro, contarei memórias das minhas experiências de crescer como uma pessoa *queer* e Preta, e o que eu acho que elas significam nesse contexto tão abrangente.

Eu cresci ouvindo a palavra “*nigga*”¹, que era uma expressão de carinho lá em casa. Tornou-se um termo carinhoso em muitas famílias Negras. Quando entrei no ensino fundamental, eu usava essa palavra o tempo todo com meus amigos. Era

1 O termo *nigga* se origina de *nigger* e significa Preto ou Negro entre os afro-americanos, e por sua apropriação o primeiro é afetuosos. Ambos são considerados extremamente pejorativos e racistas se utilizados fora do contexto da comunidade negra americana. [N. T.]

algo que a gente fazia quando era moleque, chamar, xingar os outros com essa palavra. Todos nós fazíamos isso. Era como nos cumprimentávamos, como a gente tirava onda uns com os outros. Em tons e inflexões diferentes que expressavam o que a palavra significava, como era usada. Mas sempre com uma certa cumplicidade, como se disséssemos “Não somos diferentes”. Nós sabíamos que usar essa palavra com certa entonação significava algo distinto.

No ensino médio, parei de usá-la por completo. Cercado de testemunhas, eu jamais deixaria meus colegas se sentirem confortáveis de usá-la comigo ou perto de mim. Toda vez que um estudante branco tentava proferi-la, eu repreendia. Crianças brancas adoram testar as Negras com esse tipo de coisa. Algumas crianças Negras lutavam tanto para se encaixar que permitiam às brancas roubarem essa parte da nossa cultura para, assim, fingirem ser aceitas na sociedade branca.

Na faculdade, voltei a estudar com pessoas predominantemente Negras — e voltei a usar a palavra com meus amigos. Era como se eu estivesse no ensino fundamental de novo, a diferença era que como adulto eu poderia usá-la e não permitir que ninguém me dissesse nada a respeito. Verdade seja dita, a maioria dos professores odiava que usássemos essa palavra. Eles tinham a opinião de que ela carregava muito ódio para que nos apropriássemos dela em qualquer variante.

A tal palavra foi a última coisa ouvida por muitos dos meus ancestrais quando eram amarrados e açoitados — forçados à escravidão no Novo Mundo. Era a última coisa ouvida por muitos quando eram linchados num espetáculo para os brancos. “*Strange fruit hanging from the poplar trees*”², como cantaria a grande Nina Simone. Então, para muitos dos meus pro-

2 Leia-se “*frutas estranhas penduradas nos álamos*”.

fessores que cresceram na época de Jim Crow e da segregação legalizada, não havia razão para se ter orgulho de tal palavra.

Foi nesse meu período durante a faculdade e logo depois dela que a NAACP³ e a National Action Network decidiram que era hora de a comunidade Negra “enterrar essa maldita palavra”. Havia uma crença de que, se parássemos de usá-la, ela perderia a força.

Houve discussões de ambos os lados, pessoas contra e a favor de apagar uma palavra tão ligada às partes mais dolorosas da história dos Estados Unidos. Comecei a me posicionar do lado daquelas que achavam melhor apagá-la. Nessa época, eu estava aprendendo a ser um “Preto bom” — com boas notas, cursando uma faculdade, tentando me enquadrar na sociedade branca, na qual eu pensei que merecia estar e ser tratado como um igual. Era importante para mim não usar aquela palavra, pois acreditava que ela nos diminuía.

Senti que, se a usássemos, seria algo ruim — porque os brancos se retraíam quando a usávamos. Porque alguns Negros se retraíam quando a usávamos. Para mim, não fazia sentido continuar a usá-la, especialmente por ser tão controversa. Fiz o que sempre fazia com a maioria das coisas com que não queria lidar — enterrei. Estava apenas tentando enterrar aquela palavra. Ao enterrá-la, enterrei também minha identidade *queer*. Se eu não podia ver partes da minha própria Negritude como dignas de respeito, não havia como eu estar pronto para ver minha identidade *queer* igualmente respeitada. Mas agora sei que *queer* faz parte da minha Negritude, e que não há Negritude sem pessoas *queer*.

3 *National Association for the Advancement of Colored People* [Associação Nacional para o progresso de pessoas de cor]. [N. T.]

Então, no início de 2012, Trayvon Martin foi assassinado por George Zimmerman — e toda a minha perspectiva mudou e me entendi como uma pessoa Negra nesta sociedade. Vi que o novo movimento dos direitos humanos era liderado por pessoas como eu. Pessoas que estavam lutando por mim e por outros jovens Negros. Foi nessa época que meu processo de desconstrução de fato começou.

Meus olhos foram abertos ao ver pessoas Pretas sendo mortas pela polícia. Ao ver o assassinato de crianças como Tamir Rice pelas mãos da polícia. Ao ver que, não importava se você era um Preto emergente, um Preto pobre, uma criança, um adulto. Aos olhos da sociedade, eu ainda era um “n****”. E meu amor pela minha Negritude significava que eu tinha todo o direito de lutar pelo meu povo, e todo o direito de me apropriar desta e de qualquer palavra que se refira a nós.

Então voltei a usá-la. Compreendo que minha Negritude se autodefine, e que usar ou não esta ou outras palavras como ela é escolha minha. Mas minha escolha não deve se basear no conforto daqueles que constantemente tentam me invalidar. Agora compreendo que não existe isso de “Preto bom” aos olhos da sociedade, entendo que não fui feito para ser um.

PRETO.

Minha segunda identidade — *queer* — é uma jornada que, honestamente, acredito que farei até meu último dia de vida. Todos os dias aprendo algo novo sobre mim mesmo. Olho para trás e consigo ver todas as vezes que minha identidade *queer* se manifestou tanto em formas que reconheço quanto naquelas de que não faço ideia. Eu sempre soube que era diferente. Desde criança. Não sabia o que isso significava, mas hoje sei que estava tudo bem ser aquela criança diferente. Que ser diferente não tinha nada de errado, não em mim, mas no meu

ambiente e cultura que me forçaram a querer ser o que eu não era. O fato de eu não conseguir me ver em heróis Negros ou nos livros de História tinha muito mais a ver com mudanças na própria História para poupar a branquitude da sua culpa do que com meu conhecimento de toda a verdade.

Aprendi que crianças que me enxergavam como diferente não viam problema nisso até que a sociedade ensinava a elas que minhas diferenças eram uma ameaça. Diferenças como ser mais delicado e afeminado, por toda a minha infância, estavam sempre sendo atacadas por crianças que nem sabiam por que eu deveria me envergonhar dessas diferenças. Não era tanto culpa delas quanto daqueles que as criavam, que as ensinavam a humilhar as pessoas com essas características. A maioria das crianças não é naturalmente má. Seus pais, por outro lado, podem torná-las, ensiná-las a serem más.

Quando cheguei ao ensino fundamental e depois ao ensino médio, o armário era minha única opção. Eu me tornei, então, ainda mais minoria, e tive de lidar com a interseção entre Negritude e identidade *queer* — pela primeira vez na vida. Lutar pela Negritude em espaços brancos veio naturalmente, e assim fiz sempre que pude. Lutar pela minha identidade *queer*, por outro lado, nunca pareceu uma opção viável e segura.

Vivi no isolamento durante toda aquela época de escola. Somente via alguns fragmentos de representatividade *queer* na televisão, com personagens coadjuvantes, de forma tímida. Papéis raramente representados por pessoas que se pareciam comigo. E nunca ganhavam minha confiança a ponto de eu querer ser como eles. Felizmente, a faculdade abriu meus olhos para verdadeiros reflexos de mim mesmo — na literatura, na arte, na sala de aula, ao meu lado —, não de forma precoce, mas no tempo certo. Percebi que aquilo de que eu

sempre fugia nunca havia saído de mim. Que aquilo pelo qual eu ansiava era tudo um mito de me transformar em algo, alguém que eu não queria ser.

Na faculdade, eu me arrisquei e fiz algo que estava tão longe do universo *queer* que poderia ter me enterrado ainda mais fundo no armário: entrei numa fraternidade. Estava tentando preservar uma imagem de masculinidade para mim mesmo — algo que as fraternidades Negras têm feito por anos. Entretanto, ao entrar naquela fraternidade, eu me encontrei. Encontrei irmãos com uma experiência comum, buscando a mesma coisa. Em vez de o universo nos dar o que pensávamos que queríamos, ele nos deu o que de fato precisávamos.

Deu-nos o amor incondicional e a irmandade de uma experiência *queer* compartilhada. Deu-me irmãos que viam minha humanidade para além da minha identidade *queer*. Deu-me a confiança de definir minha Negritude e minha identidade *queer*, o homem que sou e minha masculinidade ou ausência dela. Pude assim viver minha totalidade e, pela primeira vez na vida, existir no mundo como pessoa Negra e *queer* e ser amado por isso, não humilhado.

QUEER.

Eu quero que as palavras da história da minha vida sejam imortalizadas. Quero imortalizar essa narrativa de dores e alegrias, essa narrativa de tragédia e triunfo, essa narrativa de uma experiência *queer* e Negra que foi apagada dos livros de história. Uma existência que sempre esteve aqui.

Nunca pensei em imortalidade antes. Sempre pensei que minha imortalidade estaria ligada à minha incapacidade de sobreviver enquanto bicha Preta. Tenho em mente as mortes de tantas pessoas como eu. Da epidemia da Aids, passando por violência doméstica, até o suicídio, vejo pessoas como eu que

não sobrevivem à opressão. Elas se tornam as notícias de hoje e as manchetes de ontem.

Lembro-me de ficar nervoso por escrever um livro como este. Eu não tinha tanta certeza se deveria contar minha história. Por outro lado, ao escrevê-lo, percebi que não estava apenas contando minha história, mas a história de milhões de pessoas *queer* que nunca tiveram a chance de contar as suas. Este livro se tornou menos sobre ter respostas sobre tudo, pois eu não passei por tudo. Tornou-se menos um guia e mais uma porta de entrada para que mais pessoas encontrem sua própria verdade, e a força de viver essa verdade.

Sempre penso no discurso que Viola Davis proferiu ao ganhar o Oscar. Algo sobre encorajar as pessoas a irem ao cemitério e desenterrar todos os mortos para poderem ouvir e contar as histórias daqueles cujos sonhos nunca foram alcançados. Essas são as histórias que ela quer contar. Embora seja muito válido, eu lanço um desafio: este livro é a prova viva de que você não precisa ir ao cemitério para nos encontrar.

Muitos de nós ainda estamos aqui. Ainda vivendo, esperando que nossas histórias sejam contadas — que nós mesmos as contemos. Nós somos os vivos que sempre estiveram aqui, mas que foram apagados. Somos os filhos e os irmãos, as filhas e as irmãs, e outros que nunca têm a chance de se ver nem de erguer nossas vozes aos ouvidos que precisam ouvi-las.

Toni Morrison fez a melhor declaração de todos os tempos: “Se há um livro que você quer ler, mas ainda não foi escrito, então vá lá e escreva”.

Esta é a história de George Matthew Johnson. Esta é uma história de todes **nós**.



Da esquerda para a direita: Rall, Garrett, Nanny (no meio), George, Rasul

ATO 1

UMA CRIANÇA DIFERENTE

CAPÍTULO I

SORRISO

Eu tinha 5 anos quando chutaram meus dentes. Esse foi meu primeiro trauma.

Chego já nessa parte. Antes, vamos às apresentações: meu nome é Matthew Johnson. Bem, na realidade, meu nome é George Matthew Johnson, mas com 5 anos eu ainda não sabia disso. Tudo isso será importante no final, eu juro.

Nasci numa cidadezinha chamada Plainfield, em Nova Jersey, há uns cinquenta quilômetros das luzes douradas de Manhattan. Dá para dirigir de uma ponta a outra de Plainfield em menos de dez minutos. É uma cidade bem compacta, com muitas histórias interligadas. Tragédia, triunfo e trauma coexistem dentro desses poucos quilômetros. Um lugar que já odiei, mas que aprendi a amar como meu lar de verdade. Meu único lar.

Minha família fez parte da tessitura dessa cidade por mais de cinquenta anos. Meus pais trabalharam em Plainfield por quase três décadas e vivem lá até hoje. Meu irmão e eu crescemos numa família de classe média, pelo menos o que nós Negros somos ensinados a entender como classe média. Com Natais cheios de presentes, meu irmão mais novo e eu não queríamos mais nada. Éramos abençoados com pais que entendiam como era ter o mínimo para sobreviver e que fizeram questão de que seus filhos nunca passassem pelos mesmos

sofrimentos que eles. Somos uma raridade entre a maioria das famílias Negras, que não vivem de bens de herança como nossos vizinhos brancos do quarteirão acima.

A família vem em primeiro lugar para nós. Eu cresci dentro de casa, com meu irmão mais novo, Garret. Nossos irmãos mais velhos, Gregory Jr. e Tonya, filhos do primeiro casamento do meu pai, já tinham se mudado. Também tínhamos primos, tias, tios, todos vivendo em Plainfield. Feriados eram sempre um acontecimento. Só para ter uma ideia, o filme *Alimento da alma* é a nossa cara, fomos criados daquele jeito — menos quanto às brigas. Bem, talvez umas briguinhas.

Meus pais trabalhavam muito. Todos os dias. Meu pai era policial e trabalhava em plantões longos. Minha mãe era a secretária-chefe na delegacia e dona de um salão de beleza no centro, para onde ela ia toda noite depois do expediente.

Alguns dos meus primos viviam em projetos habitacionais em Nova Jersey, um ambiente que Nanny, minha avó, não achava que seria bom para a educação e o desenvolvimento de meninos Negros. Os pais desses meus primos eram como água e óleo. Não consigo me lembrar de nenhuma vez que os pais deles tenham visitado a casa da Nanny. A tia Cynthia e “o Tio” tiveram uma discussão, uma lavagem de roupa suja que depois eu descobri que era sobre drogas, e não lavanderia. Essa discussão mais tarde evoluiu para uma briga de verdade, com murros e tudo, no corredor de cima da casa. Depois disso, demorei anos para ver a tia Cynthia de novo. Nanny não queria que os netos dela crescessem no meio daquilo. Aí ela disse: “Cês pode até ficar de um lado pro outro, pra lá e pra cá, mas neto meu não”. E, daquele momento em diante, ela levou meus primos e os matriculou numa escola em Plainfield.

Nanny virou a babá, a cozinheira, a enfermeira e a educadora de todos nós. Nanny era uma negona de pele amarronzada

que contrastava bem com seus cabelos brancos. Era meio corpulenta e tinha um braço um pouco menor do que o outro por causa do seu linfedema. Ela era de Spartanburg, na Carolina do Sul, e, mesmo tendo vivido em Nova Jersey por mais de trinta anos, tinha um sotaque muito acentuado.

Minha família proporcionou a criação e o apoio que qualquer um iria querer para os seus filhos. O tipo de cuidado, bem-estar e amor que poderia impedir uma criança de vivenciar qualquer tipo de trauma e algumas dificuldades que afetaram algumas gerações anteriores. Infelizmente, a história da minha vida é a prova de que nenhum dinheiro, amor ou apoio vai impedir que a sociedade queira te matar por causa da sua Negritude. Qualquer comunidade à qual se ensina que quem não é “hétero” é errado é um perigo para pessoas LGBTQIAP+.

Eu pude começar a educação infantil com 4 anos por causa de uma brecha no sistema e porque meu aniversário caía um mês depois do início das aulas. Lembro-me de que tive de fazer uma “prova” para entrar na pré-escola por causa disso. Então, eu tinha 5 anos quando o caso aconteceu (na primavera do ano seguinte).

Nessa idade, eu já sabia que era diferente, embora ainda não soubesse explicar em palavras ou tivesse maturidade para entender o que significava ser “diferente”. Eu não me aproximava de coisas típicas de meninos, como esportes, carros e coisas assim. Gostava de bonecas e de fazer penteados. Eu percebia que minhas sensações não estavam “certas” para os padrões da sociedade. Lembro-me de que, no Dia dos Namorados, os garotos tinham de dar um cartão para os seus “crush”. Mesmo não querendo dar o meu para um menino, entreguei um cartão para uma menina que era claramente

mais masculina mesmo naquela idade. Sempre fui atraído pela companhia de garotos.

Eu era um garotinho muito imaginativo, mas na minha imaginação eu era sempre uma menina. Eu me imaginava com cabelos compridos e usando vestidos lindos. E, pensando bem, não era porque eu acreditava ter nascido no corpo errado, mas porque eu era mais afeminado mesmo. Eu achava que uma garota era a única coisa que eu poderia ser.

Era muito difícil para mim não poder expressar minha identidade por inteiro. Uma identidade que pudesse englobar todas as coisas de que eu gostava, mas ainda existindo no corpo de um garoto. Entretanto, eu já tinha idade o suficiente para entender que só encontraria segurança nos braços da supressão — escondendo meu eu verdadeiro —, porque, vamos falar a verdade, crianças podem ser bem cruéis. Mas eu até que me integrava bem com os outros, ou nessa época eu acreditava que sim. Tornei-me um ator de primeira com 5 anos de idade, capaz de me misturar com meninos e meninas sem que ninguém questionasse minha natureza afeminada. A essa altura, éramos tão pequenos — talvez todas as crianças fossem tão ingênuas quanto eu sobre os moleques que as cercavam.

Eu tinha 5 anos quando chutaram meus dentes. E assim fui apresentado ao trauma. Vamos começar por aqui.

Nessa idade, eu não tinha permissão de voltar da escola sozinho. Então eu vinha com meus primos mais velhos, Little Rall e Rasul. Nessa época, meus primos moravam com nossa avó, que cuidava de nós — já que nossos pais trabalhavam longos períodos. Andar até a casa da Nanny depois da aula era nossa rotina. Eu sempre vinha de mãos dadas com Little Rall, e Rasul ia na frente. A gente vinha por trás, quer dizer, a gente dava a volta na escola, pelos campos de futebol e basebol, até a rua que fica no quarteirão de trás da casa da Nanny. Num

dia normal, eram menos de dez minutos de caminhada. Como morávamos tão perto da escola, tenho certeza de que Nanny nunca imaginou que, nesses dez minutos, a vida dos seus netos seria marcada para sempre.

A lembrança é muito vívida. Ainda sinto o cheiro do ar daquele dia. O cheiro de sol de quase primavera. Aquela caminhada até a casa da minha avó começou como qualquer outra: eu ia de mãos dadas com Rall, e Rasul andava mais rápido à nossa frente. Estávamos na esquina da Lansdowne com a Marshall, quase no jardim da casa da esquina, quando esbarramos com um grupo de garotos que não eram do nosso bairro.

Eles tinham mais ou menos a mesma idade dos meus primos — entre 9 e 10 anos. O líder deles era branco. Até hoje, quando nos lembramos dessa história, nós falamos o nome dele completo, mas não vou dizê-lo aqui. Os outros garotos eram Negros e brancos, se não me falha a memória. Meus primos sabiam quem eles eram, pensei, porque eles começaram a discutir imediatamente. Quando me vem essa memória, não me lembro de som nenhum. Só consigo ver. Quando escrevo sobre essa memória, eu a sinto no meu corpo. Mas, quando fecho meus olhos para pensar, a situação vira um caos. Fiquei extremamente nervoso e apertei cada vez mais a mão de Rall.

Nós éramos três. Eles eram seis. Na verdade eram dois contra seis, pois o que uma criança de 5 anos sabe de briga? A discussão se tornava mais intensa e meu medo crescia, à medida que os garotos ficavam cara a cara. É estranho que as coisas mais traumáticas na vida de alguém possam ocorrer tão perto de casa e da nossa segurança. Eu fico imaginando o que teria acontecido se tivéssemos tomado outra direção naquele dia. Ou se tivéssemos saído da escola cinco minutos mais cedo. Minha vida teria sido diferente?

Antes que me desse conta, a discussão virou uma briga, e eu, a criança invisível, de algum modo, me tornei o principal alvo. Enquanto meus primos davam conta de três garotos, outros dois me agarraram pelos braços e me jogaram no chão. A única coisa que eu podia fazer era gritar por socorro. Então gritei. O terceiro garoto me deu um chute no rosto. Ele puxou o pé um pouco mais para trás e, no impulso, deu um chute ainda maior.

Meus dentes viraram estilhaços como vidro no concreto. Naquele momento, não senti nada. Era como se tudo aquilo fosse um sonho. Depois senti a dor. Também senti uma emoção que eu não conhecia: fúria. Eu não compreendia esse sentimento naquela época — ainda não havíamos sido apresentados. As lágrimas que corriam pelo meu rosto não eram mais de dor. Eu estava chorando lágrimas de raiva. Lágrimas de fúria.

A raiva foi o suficiente para impedir o garoto de dar um terceiro chute na minha boca. De algum modo me libertei, avancei e mordi a perna dele com o que me sobrava de dentes. Uma mordida que atravessou seus jeans. Ele berrou de dor. Nesse momento, meus primos já tinham dado conta dos outros três garotos e viram o que havia acontecido comigo. Os dois correram até nós, o que fez meus agressores fugirem. Eles apanharam minha mochila e disseram: “Corra para casa, Matt”.

Eu corri. Ironicamente, esse momento marcou o início da minha história de corredor, que exerci por toda a minha vida escolar. Agora, o som volta à minha mente. Consigo ouvir meu choro correndo para casa. Cheguei à casa da minha avó e continuei chorando — a boca cheia de sangue, os lábios arrebitados e os dentes de leite destruídos.

“O que aconteceu?”, Nanny gritou.

“Pegaram a gente”, meus primos explicaram. Nanny trouxe gelo, enrolou numa toalha e me mandou encostá-las no rosto.

Depois disso, tudo fica um pouco nebuloso e só consigo me lembrar de pedaços, de partes do que aconteceu a seguir. Minha mãe deixou o trabalho e correu para a casa da Nanny. Ela mandou um policial na frente para pegar nosso depoimento e registrar a ocorrência. Quando minha mãe chegou em casa, veio direto até mim, ver como eu estava. Sentou-se numa das cadeiras da sala de jantar, então me pôs no colo e me envolveu nos seus braços.

Finalmente me acalmei quando minha mãe me abraçou. Meus tios chegaram em algum momento e sentaram-se conosco. Meus primos ainda estavam visivelmente chateados. Eu fiquei sentado, em silêncio, sentindo o movimento do peito da minha mãe a cada respiração. O policial começou perguntando aos meus primos o que tinha acontecido e eles contaram a versão deles. O policial me pediu para abrir a boca, para que ele pudesse descrever o dano na ocorrência. Eu me lembro de só ter comentado o que aconteceu muitas horas depois.

Quando fecho os olhos, consigo ver tudo acontecendo como se fosse alguma experiência fora do corpo. Volto com frequência a esse dia. Queria muito saber o que motivou o ataque. Teria sido por que eu era muito afeminado? Teria sido por questões de raça, já que o principal agressor era branco, de uma região diferente do bairro? Será que foi apenas o comportamento tóxico que ensinamos a garotos sobre como ganhar masculinidade? Sei que impacto e motivação são definitivos nessas situações, então, mesmo que eu não saiba se a motivação era alguma dessas, o impacto me transformaria para sempre.

Não havia conselheiros pedagógicos ou sessões de terapia para me ajudar a lidar com o que tinha acontecido. Terapia

ainda é um grande tabu na comunidade Negra. Aqueles que são vistos com problemas de saúde mental enfrentam estigma e discriminação, pois saúde mental é sempre associada a doença mental. Então, ao invés de ver seu filho taxado de algo doloroso, meus pais fizeram o melhor que podiam com o que sabiam.

Nós fizemos o que nossa família fazia sempre — nos amamos ainda mais. Naquele momento, minha mãe apenas me abraçou, e nós ficamos ali juntos, sentados por um bom tempo. Depois ela me levou para casa. Mas o dia seguinte virou só isto: o dia seguinte. O que aconteceu no dia anterior era para ser esquecido, ou, ainda melhor, enterrado.

Infelizmente, parte do que eu esqueci foi como sorrir. Imediatamente fiquei atento ao meu próprio sorriso. Algo que tive muita dificuldade de resolver, inclusive quando adulto. Como meus dentes de leite haviam sido destruídos, os permanentes — quase “dentes de coelho” — cresceram extremamente rápido. Dentes de adulto numa criança de 7 anos são muito estranhos, e isso me trouxe toda uma outra atenção que eu não estava procurando. Meus lábios viraram a proteção do sorriso que me foi roubado. Foto após foto, eu me neguei a sorrir. Há fotos minhas com 7, 9, 13, 22, 29 anos de idade e nenhum sorriso.

De vez em quando, minha mãe encontra uma foto minha mostrando os dentes, mas não há muitas. E, quando as olho, às vezes sinto vergonha. Outras vezes eu as rasgo mesmo, pensando se estava realmente feliz naquela imagem ou se apenas sorri porque alguém pediu “Sorria, Matt”, e eu me obriguei a sorrir. O fato de eu não me sentir feliz quando vejo essas fotografias me faz ver que não havia felicidade quando as tirei.

O que os outros pensavam quando viam aquela criança sem sorriso? Eles alguma vez entenderam aquilo como um sinal

de que eu estava lidando com um trauma que não conseguia superar? Ou apenas achavam que era uma “coisa de menino” que iria passar? Passar anos sem sorrir nas fotos e quase nunca ser questionado me faz pensar quantos sinais de trauma não notamos ou ignoramos nas crianças Negras.

Espera-se que meninos Negros sejam sempre durões. Que engulam o choro e não derramem uma lágrima. *Se você entrar numa briga, é melhor ganhar, senão eu te dou uma surra quando você chegar em casa* é uma frase que ouvi tantas vezes da família e dos amigos, durante a vida toda. Ser Negro e *queer* traz junto camadas e camadas de situações e dores. Seja o medo da sua própria comunidade ou o medo do *bullying* de crianças que não respeitam sua identidade. Quando esse tipo de pressão cresce dentro de uma criança *queer*, o medo se torna sufocante e pode te cobrir de camadas, de cascas, cada uma mais difícil de ser retirada do que a outra, conforme se vai crescendo.

Como adulto, eu já tinha desaprendido o suficiente para entender que o tratamento da minha comunidade às crianças Negras e *queer* na verdade é um subproduto de um sistema de assimilação da branquitude e da respeitabilidade que força pessoas Negras a se encaixarem num molde social, um molde no qual ser homem significa que se deve ser hétero e másculo. Eu não tinha a habilidade de separar minha Negritude da minha identidade *queer*. A perda do meu sorriso era tanto uma negação da minha alegria Preta quanto da minha alegria *queer*. Quando eu sorria, era para encobrir. Meu sorriso era uma máscara que escondia a dor de suprimir quem eu era.

A máscara é uma forma de esconderijo de garotos Negros *queer*. Nós enterramos as coisas que aconteceram conosco, na esperança de que elas não se apresentem mais tarde quando formos adultos. Alguns de nós nunca percebemos que, incons-